

Marques, Wilton José (2015) O poeta sem livro e a pietà indígena. Editora da Unicamp: Campinas-SP, 216 pp. (ISBN 978-85-268-1291-8). Paperback R\$44,00.

Carlos Rocha

DOI - 10.25160/v5i2.br.4

O ato da leitura dá lume ao texto, que, para expressar o seu mundo de significação, já nasce dependente do leitor – a sua completude. Assim, “Toda escrita convoca um leitor”, seja de ontem, de hoje e, inevitavelmente, de amanhã – processo a eternizar obra e autor (PAZ, 2014, p. 287). Personagem dessa intrínseca relação, Wilton José Marques, leitor perspicaz que se volta para as produções literárias do ontem, em *O poeta sem livro e a pietà indígena* (2015), encontra no poema *Nênia à morte do meu amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro*, de Firmino Rodrigues Silva, traços definidores daquilo que ficou conhecido como indianismo brasileiro que, com a consolidação do movimento romântico, instituiu, na literatura local, o índio como um *elemento simbólico*, tornando-o brasileiro autêntico a se contrapor aos valores do colonizador. Entretanto, o que intriga o pesquisador é o fato do poema de Firmino, que ao longo do século 19 “foi recorrentemente lido por autores e críticos como referencial importante para a definição do indianismo romântico”, ser completamente esquecido pela historiografia literária brasileira (MARQUES, 2015, p. 38).

Para contestar tal exclusão, Marques recorre à concepção de cânone sugerida por Terry Eagleton, na qual estabelece que em qualquer sociedade culturalmente letrada, “a gestação da tradição literária e, por consequência, a própria escolha das obras que devem ou não figurar nos respectivos cânones literários são resultantes de longos e lentos processos históricos”, os quais são permeados pela pluralidade de juízos de valor (p. 18). Isto é, “valores culturais em comum ajustados à especificidade da consciência coletiva local” e à necessidade “cotidiana de fixação e/ou revisão de leituras” (na verdade, olhares críticos de diversos matizes), que se relacionam “com a própria manutenção e reprodução do poder social” (p. 18). Tendo em vista que os cânones de diversas literaturas ocidentais se formaram de obras de alta qualidade estética e de obras de menor qualidade, o que se impõe é: que critério teria excluído o poema de Firmino do cânone literário brasileiro, uma vez que ele se constrói justamente na recorrência da natureza tropical e do índio, elementos constituintes da tão decantada cor

local, preestabelecida pela sistematização histórica literária do Romantismo brasileiro. Por esse prisma, ao reler o poema de Firmino, Marques quer evidenciar a importância do poema, tirando-o da incômoda situação de texto citado, porém, pouco lido, intuindo, ao mesmo tempo, certa revisão no cânone literário brasileiro – daí a relevância de seu estudo.

Analisando o poema, Marques compreende que Firmino, ao enfatizar a perda do amigo, “tematiza o acontecido recorrendo a uma imagem poética comovente, a do sofrimento inerente à mãe que chora a morte prematura do filho” (p. 119). Embora tal imagem poética faça alusão à universalidade clássica, a novidade reside não apenas na menção à cor local, mas, sobretudo, “no fato de que essa mesma mãe representa”, a um só tempo, “uma índia (Niterói)” e “uma espécie de ‘mãe pátria brasileira’” (p.119). Com efeito, ao longo do poema, o que se vê é a dor da mãe indígena, que sofre a perda do filho – referência à genialidade de Francisco Bernardino Ribeiro, a qual é caracterizada por metáforas da natureza: “audaz jequitibá que, ainda na infância devassa os céus” (p. 131). Nesse processo, vislumbra-se “a pluralização de significados da imagem de Niterói”, em que a “índia é efetivamente personalizada como mãe, como pátria e como natureza tropical”, como sugerem os seguintes versos: “[...] – Foi em teu seio/ Que também, Niterói, meus olhos viram/ Pela primeira vez a cor dos bosques/ E o azul dos céus e o verde mar das águas;/ Também sou filho teu, oh! minha pátria,/ E o melhor dos amigos hei perdido” (pp. 132-133). Em face de tamanha dor, a mitologia cristã é evocada, como forma de explicar o infortúnio: “Para que no Éden fosse transplantado/ Cobiçosos os anjos te roubaram”, pois, como sugere Marques, a morte do amigo é “algo resultante de ação divina” (p. 131). Mais adiante, essa ação é transferida à mitologia indígena: “Oh! Que é feito do rei da mocidade,/ Tupá, Tupá, ó nume de meus pais” (p. 138), demonstrando que “o recorrente questionamento da índia a Tupá”, intimamente ligado “aos sons da própria natureza tropical”, transforme “o sofrido clamor da mãe indígena num ‘coro majestoso’ que, feito moto-contínuo, ecoa nos ares, eternizando sua dor e, ao mesmo tempo, renovando, nela e nos leitores, a lembrança do filho morto” (p. 142-143). Mediante esse contexto instaurado no poema:

[É] possível inferir que, tendo sido Niterói marcada pelo imbricamento das duas culturas, ainda que a cristã tenha se sobreposto à indígena, o seu clamor a Tupã também pode ser lido como uma tentativa de resgate do universo religioso de seus antepassados e, por tabela, uma afirmação do universo indígena

como um traço fundante da ideia de brasilidade, já que, no limite, é em tal universo que se encontraria a raiz primeira do país (p. 138-139).

É desse sincretismo, juntamente com os outros elementos, que se prenuncia “o traço característico do Romantismo brasileiro de buscar exprimir literariamente, e em perfeita consonância com o sentido de missão nacionalista do momento, algo que fosse o específico local” (p. 142). Desse modo, a leitura de Wilton José Marques atesta não apenas essa inserção do poema de Firmino à tradição da literatura brasileira, mas também a sua importância na constituição dos elementos definidores da temática indianista. Fato que era conhecido e propalado pelos críticos contemporâneos ao poema, como Joaquim Norberto de Souza e Silva, Francisco de Sales Torres-Homem e, principalmente, Sílvio Romero, que afirmava: “força diferenciadora em nossa evolução literária Firmino Silva pesa mais com aqueles poucos versos, do que algumas dúzias de certos paspalhões com seus indigestos cartapácios” (ROMERO *apud* MARQUES, p. 113). Não por acaso, Péricles Eugênio da Silva Ramos, pertencente à crítica mais recente, fortaleceu esse eco dos leitores do passado, dizendo que a “‘Nênia à morte do meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro’ já tinha de fato se transformado num modelo literário a ser seguido e, sobretudo, imitado” (p. 102). Do mesmo modo, compreendiam os escritores da época, como Álvares de Azevedo e José de Alencar, que recorriam ao referido poema para comentar algo sobre a temática indianista. Por conta disso, não sem razão, Wilton José Marques pergunta: “por que então a ‘Nênia à morte do meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro’, de Firmino Rodrigues Silva, praticamente desapareceu da historiografia literária brasileira?” (p. 114). Ainda que suscite questões de ordem política, Marques credita tal silenciamento ao poema o fato de Firmino não ter dado sequência a sua verve literária, produzindo, por exemplo, um livro, mesmo tendo composto outros poemas, como o próprio crítico apresenta numa antologia no final de seu estudo; e, essencialmente, a um fator de viés estético, no qual “sua lira [teria] sido abafada pela ressonância pública da poesia americana de Gonçalves Dias”, que dominava “o meio literário romântico” (p. 146). Mesmo assim, na perspectiva histórica da formação do cânone, que elegeu a natureza tropical e o índio como elementos imprescindíveis ao artista brasileiro, o poema de Firmino deveria ter o seu espaço, uma vez que apresenta tais elementos e prepara o “terreno temático” a ser mais tarde desenvolvido por outros poetas, como, por exemplo, Gonçalves Dias (p. 146). A despeito

de ser “um poeta sem livro”, Marques assegura que Firmino “é, na verdade, poeta de um poema só”, o qual “teve um papel importante na própria configuração temática do indianismo romântico” e, por isso, “tem o direito, ao menos histórico, de ser (re)introduzido no cânone poético brasileiro” – daí a importância de seu estudo (p. 146). Para isso, a leitura, ao menos dos especializados em assuntos literários, ainda é o fator imperativo para consolidar essa reconfiguração. Como “um galo sozinho não tece uma manhã” (MELO NETO, 2010, p. 274), Wilton José Marques, após ter compreendido e atendido ao “coro majestoso” da índia Niterói, repassa-o, entoando o convite a outros leitores para que façam o mesmo.

Referências Bibliográficas:

MARQUES, W. J. *O poeta sem livro e a pietà indígena*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

MELO NETO, J. C. de. *Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*. Antonio Carlos Secchin [seleção e prefácio]. 10ª ed. São Paulo: Global, 2010.

PAZ, Octávio. *O arco e Lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.